



Fotografias: João Roberto Ripper

Gabriela Leite, prostituta que viveu e promoveu a liberdade

Flavio Lenz*

Enfrentar o estigma e combater a discriminação e a violação de direitos foram as principais questões que impulsionaram Gabriela Leite para o ativismo durante a vida inteira pelos direitos das prostitutas. A principal estratégia de luta já se resumia no *slogan* do I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987: “Fala, mulher da vida”.

Neste artigo, relatos meus sobre a trajetória de Gabriela, falecida em outubro de 2013, são acompanhados por palavras ditas ou escritas por ela, como uma homenagem à sua forma de viver e atuar politicamente, ao seu protagonismo em assumir e incentivar as colegas a tomarem posições e apropriarem-se de seu lugar como sujeitos. Os trechos são reproduzidos a partir da autobiografia publicada em 2009 pelo jornal que ela fundou, *Beijo da rua*, de um diário comercial e do documentário *Um beijo para Gabriela*, de 2013.

Nascida em 1951, em São Paulo, numa família de classe média, Gabriela tornou-se a principal ativista dos direitos das prostitutas no Brasil. Filha da contracultura dos anos 1970, trocou a faculdade de sociologia e os “empregos bobos” pela prostituição, quando de sua “revolução pessoal” (UM BEIJO, 2013), e foi batalhar na histórica Boca do Lixo, no começo dessa mesma década. Lá mesmo liderou a primeira manifestação da categoria, em 1979, contra a repressão policial ao comércio do sexo.

Eram tempos de ditadura [...] a polícia instituiu um toque de recolher na Boca do Lixo [...] os policiais entravam nos prédios, exigiam documentos dos clientes [...] Tiravam o dinheiro das mulheres e das travestis e depois batiam na gente [...]. Numa dessas, sumiram duas

* Jornalista (FACHA), especialista em Comunicação e Saúde (FIOCRUZ) e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: <flaviolenzcesar@gmail.com>.

meninas [...]. Decidimos fazer uma manifestação [...]. Donos de bares, garçons, cafetinas, malandros, travestis [...] se juntaram em nome das prostitutas. (LEITE, 2009, p. 74-75).

Três anos depois, quando se mudou para o Rio após trabalhar por um ano em Belo Horizonte, Gabriela e algumas colegas foram convidadas para o encontro de Mulheres de Favela e Periferia.

Passei um dia inteiro ouvindo mulheres de diversas origens falando sobre suas condições de vida [...] num ímpeto, sem saber que aquela era só a primeira vez das minhas centenas de plenárias, levantei e fui lá para a frente, morrendo de medo, claro. 'Meu nome é Gabriela, eu sou prostituta da Vila Mimosa'. (LEITE, 2009, p. 134).

O "ímpeto" causou "um rebu" – já que "o tabu perdurava mesmo ali, entre mulheres conscientes: prostituta não fala" (LEITE, 2009, p. 134) – e resultou em seguidos convites para entrevistas. "Foi só começar a falar para descobrir que tinha muita gente querendo ouvir." (LEITE, 2009, p. 134).

As entrevistas tornaram "realidade um sonho que era meu e virou coletivo: começar a construir um novo discurso sobre a prostituta e o mundo da noite, não mais calcado no mal ou na vitimização, mas o discurso do início, do início, do início da construção da cidadania." (LEITE, 1990, p. 2).

Em 1985, Gabriela foi convidada a prosseguir com sua militância no Instituto de Estudos da Religião. Dois anos mais tarde, conseguiu organizar aquele I Encontro Nacional.

Com 70 prostitutas de quatro das cinco regiões do país, três temas se destacaram: discriminação, violência policial e associação de prostituição com doença. "As prostitutas sempre foram responsabilizadas pelo surgimento de doenças [...], foi assim com a sífilis, e está sendo agora com a aids." (LEITE, 1987, s/p).

Mais importante, porém, foi que: "A sociedade nos viu organizadas em nome da nossa profissão. Nós nos vimos assim pela primeira vez." (LEITE, 2009, p. 149). E, dessa forma, as participantes "voltaram para suas cidades, começaram a organizar suas associações." (LEITE, 2009, p. 150).

Nos anos seguintes, Gabriela assessorou o desenvolvimento dessas organizações, viajando pelo país. Na antiga Vila Mimosa, ela e algumas colegas fundaram "a primeira Associação de Prostitutas do Brasil." (LEITE, 2009, p. 150). Na metade dos anos 1990, porém, a entidade passou a ser controlada por cafetinas.

Também nasceu no I Encontro Nacional a Rede Brasileira de Prostitutas, para articulação política das organizações de classe, hoje mais de 30. Além disso, foi criado o jornal *Beijo da rua*, visando ampliar a visibilidade e o alcance das vozes das mulheres da vida, como escreveu Gabriela na edição inaugural:

[...] eu imaginava o movimento de prostitutas tendo um jornal, onde se pudessem discutir todas as questões que dizem respeito a nossa amada-maldita marginália [...]. Como um dia mostrei o meu rosto de prostituta, e todos os que viram ficaram chocados pois perceberam que não era diferente do de outras mulheres, o meu sonho é ver outras e muitas outras prostitutas mostrarem também o seu, para a angústia de nossos moralistas, assumidos ou não. (LEITE, 1988, p. 2).

Aqui eu entro nessa história: jornalista, trabalhando na mesma instituição, fui convidado por ela para editar o *Beijo*. Havia mesmo testemunhado a proposta de criação do jornal, ao participar como assessor de comunicação do I Encontro.

A visibilidade e a organização conquistada pelas prostitutas contribuíram, no período em que aids se tornava questão mundial, para aproximar-se do recém-criado movimento social de luta contra a doença e para fazer parcerias com o Ministério da Saúde. A convite deste órgão, Gabriela coordenou o primeiro manual de prevenção do HIV dirigido a prostitutas, validado no II Encontro Nacional, "Prostituição e aids", em 1989.

No mesmo ano, ela participou da V Conferência Internacional de Aids, em Montreal, a primeira com representantes da sociedade civil. Estaria ainda nas conferências de Florença (1991), Bangcoc (2004), Toronto (2006) e México (2008).

Paralelamente, iniciou articulações com o movimento internacional de prostitutas, participando da *World Whore's Summit*, em São Francisco (EUA), em 1989. Sobre o evento, incluindo a parada gay de que participou, escreveu:

É bom sentir que não estamos sozinhas quando lutamos pelos direitos civis [...]. A solidariedade foi o ponto alto desta parada: eram muitos e muitos gays, lésbicas, travestis e prostitutas dançando [...] e mostrando nosso orgulho, apesar de todo o estigma imposto e introjetado em cada um de nós. (LEITE, 1989, p. 2).

A partir daí, percorreu a Europa, Ásia e África, além de sua própria região, onde participou da fundação da Rede Latino-americana e Caribenha de Trabalhadoras do Sexo (RedTraSex).

Na década de 1990, Gabriela publicou seu primeiro livro, *Eu, mulher da vida*, e fundou o coletivo Davida. Manteve projetos de prevenção à aids em parceria com o governo, combinados a ações culturais e de comunicação, como serestas de prostitutas, apresentações teatrais e bloco de carnaval, para favorecer integração social e elevar a autoestima, combatendo estigma e discriminação.

Em 2002, ela e algumas colegas conseguiram que o Ministério da Saúde produzisse campanha nacional de prevenção à aids com o slogan "Sem vergonha, garota. Você tem profissão". A iniciativa, com adesivos, agenda, *bottons* e *spot* de rádio, contribuiu, na área de políticas públicas,

para o movimento dar um passo além da área de saúde – no mesmo ano, a prostituição foi incluída na relação de atividades profissionais do Ministério do Trabalho, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

O ano de 2003 teve como marca a aproximação com o Poder Legislativo, por meio do deputado Fernando Gabeira, que apresentou projeto de descriminalização de aspectos ainda ilegais do negócio do sexo, como a preservação da casa de prostituição. A proposta foi arquivada, mas em 2011 o deputado Jean Wyllys propôs o projeto denominado Lei Gabriela Leite, com objetivos semelhantes e diferenciando prostituição de exploração sexual. A proposição foi fruto de um encontro que aconteceu em 2010, quando os dois candidatos a deputado federal decidiram que, se apenas um deles conquistasse a vaga, assumiria projetos do outro. Na campanha pelo Partido Verde, Gabriela havia defendido o fortalecimento do Sistema Único de Saúde, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, a legalização do aborto e a regulamentação da prostituição.

Duas iniciativas, ambas em 2005, marcaram definitivamente o ativismo de Gabriela. A primeira foi a denúncia de que a *United States Agency for International Development* (Usaid), agência norte-americana de cooperação, passaria a exigir, de organizações beneficiadas por recursos dela destinados à prevenção da aids, a assinatura de nova cláusula contratual que as obrigaria a condenar formalmente a prostituição e impediria a defesa da legalização do negócio. “Conversei com as minhas colegas [...] e [decidimos]: ou eles retiravam esse aditivo ou nós interromperíamos os projetos.” (LEITE, 2009, p.184).

A posição teve apoio de outros movimentos sociais e levou o governo a recusar 48 milhões de dólares da Usaid, que seriam destinados a dar continuidade a projetos dessas organizações. A enorme repercussão resultou no convite a Gabriela para integrar uma comitiva brasileira recebida pelo então secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan.

Ainda em 2005, Gabriela ganhou *status* de ícone cultural ao fundar a grife Daspu. Destinada a dar visibilidade à causa das prostitutas e a gerar recursos para ações do coletivo Davida, a marca passou a desenvolver coleções e a se apresentar no Brasil e no exterior, ganhando manchetes e tornando-se protagonista de um documentário italiano.

Sempre acreditei e sonhei com o movimento transpondo barreiras e atingindo a sociedade inteira, inteirinha. Sempre acreditei que o movimento de putas não poderia nunca ser babaca, tipo politicamente correto. Queria e quero um movimento revolucionário [...]. Uma organização revolucionária sempre tem que se lembrar que seu alvo não é fazer com que seus partidários escutem as convincentes palestras de líderes especialistas, mas conseguir fazê-los falar por si mesmos, para que alcancem [...] o lugar da participação política. Quando minhas amigas putas estavam lá desfilando lindas e altivas, sem ver-

gonha de ser puta, elas estavam falando por si mesmas e sendo políticas, extremamente políticas revolucionárias. (LEITE, 2005, p. 16).

Em 2005-2006, Gabriela representou a América Latina no Conselho de Coordenação da *Joint United Nations Program on HIV/aids* (Unaid) e passou a integrar a Rede Global do Trabalho Sexual (NSWP). Participou ativamente da elaboração da *Unaid guidance note on HIV and sex work*, que recomenda a descriminalização da prostituição para a redução da vulnerabilidade à epidemia de aids.

Em 2007, esteve na Consulta Mundial (Rio) e na Latino-americana sobre Trabalho Sexual e HIV/aids (Lima). Nesta, o trabalho sexual foi considerado direito sexual, em oposição à ideia de vitimização.

No ano seguinte, a consulta brasileira sobre aids e prostituição recomendou o levantamento das violações de direitos humanos de prostitutas e da resposta legal dada a tais violações, além da desvinculação da prostituição à exploração sexual de crianças e adolescentes e ao tráfico de pessoas.

Gabriela liderou, ainda, o rompimento da Rede Brasileira de Prostitutas com parcerias que associassem prostitutas à disseminação de doenças e apoiassem apenas projetos de distribuição de preservativos, buscando interlocuções com outros setores do Estado – como o de Trabalho, Direitos Humanos e outros voltados a mulheres em geral –, além do de Saúde.

Trabalhou pela constituição de acervo documental sobre prostituição e sexualidade e criou o Núcleo de Pesquisas Davida, dele resultando o estudo nacional Direitos Humanos e Prostituição Feminina.

Lançou, em 2009, o livro *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*, que ganhou adaptação teatral e futuramente se tornará um longa-metragem.

A sua campanha, quando se lançou candidata à deputada federal, também foi registrada no documentário *Um beijo para Gabriela* (UM BEIJO, 2013). A diretora Laura Murray fez ainda entrevistas sobre questões recorrentes na vida da protagonista, o que contribuiu para a permanência de visões, conceitos e reflexões da trajetória interrompida, mas não apagada pelo câncer.

Mesmo durante a doença, que enfrentou por 18 meses com a mesma coragem, inteligência e paixão de toda a vida, permaneceu ativa e criativa. Criticou duramente a censura do governo federal a uma campanha inovadora de prevenção à aids, criada pelas prostitutas e que o próprio governo havia financiado. Participou da fundação do Observatório da Prostituição (LeMetro/Ifics-UFRJ), que produziu estudo sobre os efeitos da Copa do Mundo do Brasil, no âmbito da prostituição. (BEIJO DA RUA, dez. 2014)

Para mim, que compartilhei os desafios e as aventuras do ativismo por 26 anos, desde o convite para editar o jornal *Beijo da rua*, em 1987, passando por muitos outros desafios e aventuras de companheirismo, aliança

e amor ao longo de 22 anos, torna-se evidente que Gabriela fez de sua vida um ato extraordinário. Ao mesmo tempo, pulverizou em si o estigma da prostituta e ressignificou o Nome da Puta, contribuindo para que tantas colegas fizessem o mesmo e assumissem seu lugar de sujeitos, deixou marca pessoal, política, de coragem, liberdade, paixão e poesia; presença perene a dar impulsão a todos nós.

Tentando sintetizar essa passagem e esse percurso, o jornal fundado por ela estampou, na capa da edição em sua homenagem, expressão frequente de Gabriela: “Eu não tô aqui de bobeira”. (BEIJO DA RUA, jun. 2014)

Como tampouco aqui estou “de bobeira”, ao concluir reafirmo a potente voz que também cantava roufenha na boemia.

A palavra puta

Eu gosto da palavra puta desde sempre. Eu acho uma palavra sonora e quente. Se toda puta, se não vivesse com tanto estigma nas suas cabeças, elas usariam [a palavra], e eu acho que a gente começaria até a vencer o preconceito antes, porque as pessoas iam levar um choque e depois iam dizer: ‘Ah, é verdade, ela é uma puta’. [...] Se a gente não toma as palavras pelo chifre e assume elas, a gente não muda nada. Um monte de palavras você não pode falar porque são palavras ruins para as pessoas [do] mundo politicamente correto. É muito engraçado porque eu não sou socióloga porque não terminei o curso. Mas as pessoas botaram na cabeça que eu sou socióloga. Então dizem assim: ‘Gabriela, socióloga e ex-prostituta’. É engraçado porque o que eu não sou, eu sou; e o que eu sou, eu não sou. Para ver a que ponto chega o preconceito e chega o estigma. É um absurdo. Eu não sou socióloga, mas eu sou puta. Estou aposentada, mas eu sou. Eu acho detestável me chamar de ex-prostituta. Não precisa me chamar de socióloga, não quero, não precisa. Se a pessoa chega pra mim e pergunta o que eu sou, eu digo, ‘sou uma puta’ [...]. Então, precisa ter identidade, aí a gente muda alguma coisa. (UM BEIJO, 2013).

Quem é Gabriela

“Meu sentimento de liberdade pessoal é tão forte em mim que contraditoriamente ele quase me escraviza. O meu sentido de liberdade quase me escraviza: por conta que eu quero fazer o que eu quero, eu quero fazer o que eu gosto. Isto é a grande faceta da minha vida.” (UM BEIJO, 2013)

Referências

BEIJO DA RUA. *Eu não tô aqui de bobeira*. Rio de Janeiro, ano 25, n. 1, jun. 2014.

BEIJO DA RUA. *Muito pão duro e pouco pau duro*: Copa do mundo também foi ruim para prostitutas. Rio de Janeiro, ano 25, n. 1, dez. 2014. Disponível em: <http://issuu.com/prudha/docs/beijo_preview_final3/1>. Acesso em: 18 nov. 2014.

LEITE, G. Entrevista. *O Dia*, 21 jul. 1987.

_____. Coluna da Gabi. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, n. 0, dez. 1988.

_____. Coluna da Gabi. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, n. 2, jul./ago. 1989.

_____. Coluna da Gabi. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, n. 6. 1990.

_____. Coluna da Gabi. *Beijo da rua*, Rio de Janeiro, nov./dez. 2005. Disponível em: <www.beijodarua.com.br>. Acesso em: 18 nov. 2014.

_____. *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

UM BEIJO para Gabriela. Dirigido por Laura Murray. Brasil: Miríade Filmes em associação com Rattapallax. 2013. Trailer disponível em: <www.umbeijoparagabriela.com>. Acesso em: 16 nov. 2014